

cal, atuou em três LPs, entre eles, "The Return Of The Original", de Walter Wanderley e "Agora", de Paulinho da Costa. Ao lado de Sérgio Mendes e seu grupo, tocou até na Casa Branca para o presidente Richard Nixon e na Espanha, para o rei Juan Carlos. Turnês pelo mundo todo, uma discografia riquíssima e até um disco gravado com o grande guitarrista Joe Pass ("Tudo Bem" - 1978) culminariam no seu próprio trabalho que nasceu de um encontro com um pianista, e quem diria, búlgaro. O primeiro CD da dupla Claudio Slon e Milcho Leviev foi lançado no Vail Jazz Festival, no Colorado (EUA), em agosto de 1997. Leviev já era um músico consagrado (vencedor do Grammy de melhor arranjo vocal para o grupo Manhattan Transfer, em 1981), quando co-

nheceu Claudio. Foi apenas reunir experiências no bar e o selo Vartan Jazz, em Denver, e lançar a dupla Leviev-Slon Quartet com o CD "Live at Vartan Jazz". Na companhia do baixista americano Mark Simon e do percussionista brasileiro Cássio Duarte, a dupla executava temas de jazz conhecidos com um belo revestimento de bossa nova e samba. O sucesso foi grande e repetiram a dose. Esse ano veio, pelo mesmo selo, "Jive Sambas", um CD que reúne composições de Miles Davis, Piazzola e Bela Bartok com um tratamento sutilmente brasileiro. Aliás, em matéria de sutileza, Claudio dá um baile. Ele se funde a outros instrumentos e nunca ultrapassa os limites da bateria. "Não gosto das pessoas que ficam estudando anos e conseguem ter uma técnica impressionante; aí ficam soando como um trem ou uma metralhadora. Cadê a música nisso?", diz o baterista hoje com 54 anos e quase 40 de profissão. E é justamente com esse conceito que Claudio trabalhou durante toda sua vida: a música acima de tudo. E, finalmente, o público brasileiro terá a chance de entrar nesse túnel do tempo e rever Claudio Slon depois de 30 anos. Ele e seu trio se apresentam de **9 a 14 de novem-**

bro no Crowne Plaza,

em São Paulo. A pro-
essa é de um
show de jazz tipicamente brasileiro, mas com gostinho de nostalgia.